

PENSAMENTOS ESPARSOS SOBRE LINGUÍSTICA APLICADA: POR UMA PRÁTICA INTERVENCIONISTA NA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARGUMENTAÇÃO NA ATUAL CONJUNTURA (INCERTA) DO BRASIL E DO MUNDO

Julia Larré, UFRPE, julia@larre.com.br

Eixo temático: Experiências educacionais para implementação dos Sete Saberes para uma educação do futuro

Resumo: Este artigo, inserido na seara da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2013), tem como objetivo debater o papel do linguista aplicado e do educador de língua estrangeira e de português como língua materna em um contexto em que é necessário o aprimoramento do pensamento crítico dos aprendizes. Com a observação de que atualmente no Brasil existe com mais evidência uma conjuntura sociopolítica-cultural em que visões antagônicas de mundo estão em evidência, através, principalmente dos debates gerados por posicionamentos políticos, vejo a necessidade, em consonância com Morin (2011), do estímulo para o aprimoramento do pensamento complexo, em que polaridades são somente um início para esse exercício. Discutirei, então, através do eixo da Teoria da Argumentação, aspectos fundamentais para o estímulo ao pensamento crítico em sala de aula, considerando alguns dos preceitos dos Sete Saberes Necessários para uma Educação do Futuro (MORIN, 2011).

Palavras-chave: Linguística Aplicada, Língua Estrangeira, Português como língua materna, Argumentação, Conjuntura política brasileira.

INTRODUÇÃO

A Linguística Aplicada (LA) (MOITA LOPES, 2013) e o professor reflexivo (LIBERALI, 2011) fazem parte de um mesmo contexto em que seus trabalhos podem ser interligados, interdependentes. O linguista aplicado e o professor são parte de uma mesma realidade. A LA é não mais considerada hoje em dia como uma proposta de área em que se aplicam teorias e tampouco o professor de hoje, que atende a uma geração atendida em tempo real com os acontecimentos do mundo, pode ser visto como um reproduzidor dos conhecimentos advindos de tais testagens. O professor ao se tornar crítico e reflexivo anda de mãos dadas com a LA de cunho crítico, como acontece em minha própria experiência de vida em meu papel monista de professora-pesquisadora (LARRÉ, 2014). Considero o professor como investigador por natureza, já que em seu contexto de trabalho

não se consegue realizar propostas didáticas significativas com resultados visíveis sem ao menos se perguntar sobre os diversos fenômenos que ele observa em sala de aula, seja em relação ao aprendizado dos alunos, seja em relação ao conteúdo a ser trabalhado. Por este motivo, no presente artigo não desvincularei um papel social do outro em minhas breves discussões.

Tomo como mote para a escrita de meu texto as ideias do livro *Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (MORIN, 2011) e traço um diálogo com a perspectiva da argumentação no contexto escolar (LIBERALI, 2013) no trabalho na sala de aula de língua estrangeira e português como língua materna.

Proponho aqui um pensar na sala de aula como ponto de interseção de visões de mundo e de geração de conflitos de ideias que possam ser percebidas pelo linguista aplicado e pelo professor como um ambiente de oportunidades de expansão dialógica (LIBERALI, 2011, 2012, 2013) a partir de minha experiência em pesquisa de doutoramento (LARRÉ, 2014). Vista a sala de aula por esse aspecto, o trabalho com a língua(gem) também recebe influências de tal perspectiva, de maneira que propor atividades didáticas de linguagem tenham como meta o diálogo em que o conhecimento específico e de mundo, a partir das diferenças, possam ser expandidos.

A LINGUÍSTICA APLICADA CRÍTICA NESSE MUNDO EM QUE VIVEMOS

Quando se pensa em Linguística Aplicada (LA), é possível correr o risco de imaginar que ela é uma área apêndice da Linguística em que os especialistas aplicam e testam teorias na sala de aula, como as aplicadas são em geral, especialmente nas áreas das exatas. No entanto, hoje é importante perceber que a LA é conceituada não por esse enfoque em aplicações de teorias, mas por um *repensar* proposto por Moita Lopes (2006), tendo em vista a necessidade de integrar os estudos da LA a questões das humanidades e ciências sociais.

Nos dias atuais, em um tempo de incertezas, em que visões antagônicas de mundo são discutidas como verdades absolutas por cada lado que as defende, o trabalho com a língua(gem) entra com um papel primordial de trazer à baila novas possibilidades de pensamento e de reflexão sobre o mundo que nos cerca, que nos faz e que fazemos.

Nesse repensar que é proposto pela LA, proponho que nós, linguistas aplicados e professores de línguas materna e estrangeira, façamos as seguintes perguntas a nós mesmos: a. como me insiro nesse mundo como linguista aplicado/professor? Participo efetiva e democraticamente do mundo e permito que meus aprendizes/colegas/interlocutores também o façam? b. de que forma a LA me traz novas possibilidades de compreensão do cosmos e dos microcosmos (incluindo a sala de aula)? c. de que modo posso transformar meu trabalho como linguista/professor para que perspectivas de mundo sejam consideradas e acolhidas para que com o conflito de ideias haja uma expansão do aprendizado?

A SALA DE AULA COMO PONTO DE INTERSEÇÃO

A sala de aula, como ponto de interseção de diversas experiências e visões de mundo, permite que discussões movidas por conflitos gerem novas percepções e experiências, preparando o aprendiz para o inesperado, para as incertezas da vida que ele enfrentará lá fora (vf. LIBERALI, 2013). Em geral, o que se pode perceber é que mo(vi)mentos de conflito pessoal geram uma nova realidade intelectual nos indivíduos que o vivenciam, de modo que esta nova realidade proporciona uma expansão tanto do conhecimento específico do ponto em debate quanto do conhecimento de mundo. Na sala de aula não é diferente, podendo tais conflitos de ideias serem estimulados pelo professor de língua(gem). Existe, pois, urgentemente no contexto brasileiro, a necessidade de encarar esses momentos de conflito como parte do processo evolutivo humano (opiniões, vivências... saber deixar morrer e não se agarrar a uma ideia só).

A história nos afirma e reafirma, como, por exemplo nos casos em que Ocidente *versus* Oriente estão em embate e também na conjuntura atual do momento político brasileiro em que verifico debates acalorados sobre posições político-ideológicas, que conflitos de concepções/ideias (VYGOTSKY, 1934/2004) geram novidades e tentativas de resolução criativa.

Sabemos que por mais que em sua maioria os sujeitos estejam em um embate visível, mas superficial (nas mesas de bar ou nas redes sociais, ou até mesmo em manifestações/passeatas), surgem palavras, imagens, (con)textos, geradores de um

conflito interior (embate não visível) e que nos permitem enxergar melhor as questões por diversos pontos de vista, gerando o “adubo” para a formação de um próprio ponto de vista.

Esse ponto de vista quase sempre é temporário, pois o indivíduo exposto a uma diversidade de informações sobre determinado assunto reflete sobre o que viu, sobre o que sabe, sobre o que não sabe e regenera seu próprio saber num contínuo refazer, já que o conhecimento (a aprendizagem) em si é descontínuo (falar do salto quântico).

Justifica-se assim um trabalho relacionado a língua(gem) que trate a argumentação como *parte integradora* entre o conteúdo escolar e a vida, de modo que seja possível problematizar as questões do entorno, aprendendo, ao mesmo tempo, uma língua na sua forma mais autêntica, que não possui como foco *principal* a memorização de estruturas ou a possibilidade de simular situações predeterminadas por alguém de fora do contexto específico. O aprendiz, ao mesmo tempo, *tem o direito* de aprender esses conteúdos acima, de modo que seja possível sua integração aos conhecimentos trazidos sobre todos os aspectos da língua(gem). Nenhum desses direitos deve ser retirado do aprendiz em sala de aula, tendo em vista que todos são fundamentais para o aprimoramento cultural, linguístico, histórico e social do indivíduo a que eles é exposto.

A LA nesse sentido vai além de uma educação linguística. Ela focaliza práticas linguísticas, usando categorias de análise que sejam mais próximas às realidades locais relativas à língua(gem). (vf. MOITA LOPES, 2006).

A LA atendida, indisciplinar (no sentido de não pertencimento a *uma disciplina*), mestiça (integradora de várias concepções e problematizações do social e das humanidades), é mais que uma tendência. É uma necessidade do mundo como ele se encontra hoje: um mundo que por mais que haja uma “evolução” teórica, tecnológica, que pressupõe mais conhecimento humano; é um mundo de radicalismos e de não-dialogismo. Isto é: um mundo contraditoriamente involuído no sentido humanista.

PARA SER UM LINGUISTA APLICADO CRÍTICO E UM PROFESSOR REFLEXIVO...

Então, inspirando-nos em Morin (2011) e levando em conta a discussão acima, para ser um linguista aplicado mestiço, antenado e crítico, e um professor reflexivo, de modo que assim se possa oportunizar o trabalho com a língua(gem) em sala de modo igualmente crítico, verificamos em nossa experiência (LARRÉ, 2014) que é preciso partir dos seguintes pressupostos:

1. Saber que “o conhecimento não é um espelho das coisas ou do mundo externo” (MORIN, 2011, p. 19);

Isso significa que ao levar em conta que as visões de mundo não são iguais para todos os indivíduos, sendo, pois, construídas a partir de vivências, reconstruções cerebrais e culturais e que pode haver erros nessas reconstruções e traduções, o linguista aplicado/professor pode introduzir este mesmo saber em suas propostas didáticas no ensino de língua estrangeira e materna.

2. “A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo” (IDEM, p. 20);

Reagir emocionalmente a determinada temática discutida é natural. No entanto, o principal objetivo em sala de aula como professor de língua estrangeira e materna e também no papel do linguista aplicado, é estar aberto para novas formas de pensar, mesmo que pessoalmente se aprecie muito determinada maneira de ensinar e trabalhar com a linguagem. Estar aberto para mudanças de perspectiva, conseqüentemente pode levar o indivíduo a pensar em maneiras de se trabalhar o pensamento crítico através da (língua)gem para que o aprendiz tenha um maior repertório enunciativo-linguístico-discursivo para elaboração de seus posicionamentos.

3. Saber que podemos ser sabotadores do conhecimento, ou seja, que podemos criar ilusões de que *sabemos*;

Estar sempre com a consciência de que o erro é natural do ser humano, incluindo-nos nesse contexto, é ter o comprometimento com a responsabilidade de sempre estar em busca de outras posições sobre as temáticas a serem observadas em sala, por exemplo. Conseqüentemente, essa conscientização desperta novas possibilidades tanto de elaboração de atividades didáticas, por exemplo, como uma expansão nas oportunidades de vivências dos indivíduos envolvidos no contexto escolar/acadêmico.

4. Saber que a verdadeira razão é naturalmente dialógica: ela é continuamente interferida e alimentada por um “debate argumentado de ideias” (IBIDEM, p. 23);

Isto significa saber que a verdadeira racionalidade é, assim como propõe a ser a LA mestiça (MOITA LOPES, 2006), um produto em processo de infindável autocrítica, autorreflexiva (de acordo com o princípio da *incerteza racional* proposto por Morin).

5. Saber que paradigmas duais são importantes, mas somente o primeiro passo para enxergar os fenômenos em geral (que são complexos em sua essência).

Em geral, como linguista aplicado crítico/professor reflexivo, é importante levar em consideração que tais visões antagônicas, paradigmáticas, são necessárias, mas empobrecidas e empobrecedoras caso não se permita “ir além” delas. No trabalho em sala de aula, práticas de debate são bem-vindas; no entanto, é importante que se supere a fase da dualidade em um certo momento e o trabalho em sala de aula se expanda para outros aspectos a serem observados, analisados e discutidos sobre tal ponto temático, de modo que os indivíduos tenham a oportunidade de compreender os fenômenos sócio-histórico-culturais em seu todo complexo, ou em grande parte desse todo.

DA CONVOCAÇÃO PARA UMA PRÁTICA INTERVENCIONISTA PARA O PENSAMENTO CRÍTICO NA SALA DE AULA

Morin (2011) mais uma vez nos diz algo fundamental a se pensar nesse contexto político, social, cultural, humanitário que vivemos no Brasil/mundo:

Mitos e Ideias voltaram-se sobre nós, invadiram-nos, deram-nos emoção, amor, raiva, êxtase e fúria. Os humanos possuídos são capazes de morrer ou de matar por um deus, por uma ideia. No alvorecer do terceiro milênio, como os *daimons* dos gregos e, por vezes, como os demônios do Evangelho, nossos demônios “idealizados” arrastam-nos, submergem nossa consciência, tornam-nos inconscientes, ao mesmo tempo em que nos dão a ilusão de ser hiperconscientes. (MORIN, 2011, p. 27)

É uma tendência natural que sejamos precipitadamente levados por uma causa ou uma ideia, especialmente se nesse caso não há uma consideração dos diversos fatores que ocasionam tal ideia ou causa. O perigo nesse sentido é o de ser criado um ambiente propício ao fanatismo e à manipulação das massas, pois aos indivíduos envolvidos pode não ter havido a oportunidade de ensino-aprendizagem da elaboração do pensamento crítico/complexo.

Pensando por este viés e na necessidade urgente de uma prática intervencionista em sala de aula, de modo a trabalhar o pensamento crítico em sala de aula, a proposta com argumentação em contexto escolar se torna uma forma de se propor conflitos de ideias em um contexto de aprendizagem que proporciona momentos de análise dos enunciados emitidos no contexto proposto.

O leitor vai se perguntar: e por que a argumentação como maneira de se trabalhar o pensamento crítico em sala? Larraín e Freire (2011) nos respondem a esta pergunta explicando que

a argumentação é sempre um processo social” e, por este motivo o discurso argumentativo se torna fundamental para o aprendizado, pois é quando se considera o outro como interlocutor das ideias expostas e desafiador das “verdades absolutas”, por exemplo, promovidas pela sociedade, pela instituição escolar, pela religião, pelas mídias (como estamos vendo claramente em nosso país), entre outros.

A argumentação dialógica em sua essência parte dos pressupostos acima mencionados, considerando conflitos de ideias como motores da transformação pessoal e do mundo que nos cerca. De acordo com as mesmas autoras,

(...) para o desenvolvimento da competência individual, a primeira coisa que deve acontecer é o falante participar de atividades argumentativas com outros falantes. Somente em virtude da internalização desse tipo de atividade discursiva e sua estrutura de colaboração seria possível que o falante pensasse de forma argumentativa consigo mesmo”. (LARRAÍN e FREIRE, 2011, p. 51)

Insiro aqui, como ilustração da fala acima, um gráfico que pode permitir uma melhor visualização da proposta da argumentação em contexto escolar e sua consequência mais imediata, em que, de maneira muito sucintamente explicitada aqui, propor atividades argumentativas em sala de aula levam a um conflito de posicionamentos diversos e que por sua vez oportunizam para o aprendiz um pensar crítico individual, autorreflexivo:



Gráfico 1 (LARRÉ, 2016 com base em LARRAÍN & FREIRE, 2011)

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEMPORÁRIAS

O contexto escolar/universitário, como proposta de espaço da prática argumentativa, nos dá como linguistas aplicados e professores reflexivos a possibilidade de expandir o aprendizado dos aprendizes e de potencializar “a criação de múltiplas representações e experiências em espaço seguro, sem desconsiderar seus aspectos multiculturais, manifestos em tensões e relações de poder” (MATEUS in LIBERALI, 2013, p. 15).

Creio, a partir do que vivencio como professora-pesquisadora, na importância de selecionar a linguagem argumentativa para o trabalho em sala de aula, pois este se caracteriza pela ultrapassagem de algumas fronteiras escolares/acadêmicas que afirmam e reafirmam o autoritarismo da própria vivência acadêmica face às experiências e expectativas dos que convivem nesse contexto. Além disso, a argumentação é um diálogo que empodera o sujeito. E esse empoderamento também é possível através de uma interação em sala de aula que possibilite a criação e a produção colaborativa com/de novos significados para todos os envolvidos na atividade social e para toda a comunidade que participe de alguma maneira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

LARRÉ, J. M. R. G. de M. 2014.... **Câmera na mão! Argumentação e atividade social “Elaborar documentários” na sala de aula de língua inglesa**. UFPE. Tese de doutorado. 2014. Disponível em: <http://pgletras.com.br/autores/tese2014-Julia-Maria-Raposo-Goncalves-de-Melo-Larre.html> Acessado em: 25/02/2016.

LIBERALI, F. C. **Argumentação em contexto escolar**. São Paulo: Pontes, 2013.

_____. (Org.). **Inglês**. São Paulo: Blucher, 2012. (série: A reflexão e a prática no ensino; v. 2; coordenador: Márcio Rogério de Oliveira Cano).

_____. **Formação crítica de educadores: questões fundamentais**. São Paulo: Pontes, 2011.

LARRAÍN, A.; FREIRE, P. Capitalizando a controvérsia: algumas reflexões para tornar visível e aproveitar a contra-argumentação dos alunos no ensino de ciências. In: LEITÃO, S. & DAMIANOVIC, M. C. **Argumentação na escola: o conhecimento em construção**. Campinas, SP: Pontes, 2011. pp. 47-80.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Unicef, 2011.

VYGOTSKY, L. S. (1934) **Teoria e método em psicologia**. 3 ed. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2004.